

**O CASO DO "H" NO ALMANACK CORUMBAENSE:  
UM ESTUDO DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

*Elisângela Leal da S. Amaral (UEMS)*

[elisilvamaral@hotmail.com](mailto:elisilvamaral@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)*

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

O alfabeto da língua portuguesa, ampliado para as 26 letras que, na prática sempre o compuseram, abriga uma incógnita: o "h". Ao adentrar o campo dos estudos de fonética e fonologia, buscando compreender as suas subdivisões relacionadas à articulação dos fones, ou seja, classificando-os nos espaços de vogais ou de consoantes, percebe-se a trajetória dessa letra outrora aspirada, na atualidade, em língua portuguesa, considerada letra muda, apesar de, ao ser combinada com alguns fonemas funcionar como produtora dos chamados dígrafos. Este artigo tem como objetivo, em alguma medida, retratar essa trajetória, passando pelas evidentes transformações por meio dos recursos oferecidos pela historiografia linguística.

**Palavras-chave:** Ortografia. Almanack Corumbaense. Alfabeto. Fonética. Fonologia.

**1. Introdução**

Se o estudo de língua portuguesa nunca foi algo simples, o caso do *h*, em especial, constitui uma parte considerável de tal complexidade linguística.

Essa letra, que já foi aspirada, apareceu em muitas e diversificadas ocorrências no percurso entre o latim e a língua portuguesa. Algumas aceitas, outras combatidas por filólogos e estudiosos do processo linguístico.

Dividindo opiniões, mesmo as técnicas e teóricas, o *h* seguiu junto à história de nascimento e transformação da língua portuguesa. Em suas diversas ocorrências, várias situações são notadas, sejam relacionadas à permanência ou exclusão.

Nesse sentido, este artigo tem por finalidade apresentar algumas peculiaridades dessa letra que se apresenta sob diversas situações ortográficas e sintáticas sob a ótica da filologia de alguns teóricos a serem citados.

## 2. A inscrição da historiografia linguística

Diversos campos teóricos apontam para a relação entre a existência do homem e a realização da linguagem, ou seja, é pela interação que o homem se evidencia como ser, e é pela linguagem que ocorre a interação. Conforme explica Gomes:

[...] a linguagem não é utilizada apenas para exteriorizar o pensamento ou no estabelecimento da comunicação, mas para realização de uma ação, para atuar sobre o outro, para interagir, tudo isso dentro de um contexto social histórico e ideológico. (GOMES, 2012, p. 12).

Uma parte específica da linguagem, a língua, tem sido objeto de diversos estudos, dentre eles, aqueles que se voltam para as transformações pelas quais as línguas passam ao longo dos tempos.

Para tratar desse aspecto, surge a linguística histórica, nascida na França:

A realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da linguística histórica. (FARACO, 2012, p. 14)

As transformações linguísticas, porém, ocorrem de forma lenta e gradativa, sem comprometer a forma sistêmica das línguas. Podem se dar em relação à “forma, função e/ou significado”. (FARACO, 2012, p. 16).

É relevante ressaltar que, nesse sentido, o trabalho da linguística histórica não se realiza de forma fechada em si mesmo, como se fora uma ciência completa independente de outros saberes, ao contrário, se solidifica amparado por outras ciências humanas:

Nessa perspectiva científica, a historiografia institui-se como método interdisciplinar, pelo fato de considerar a colaboração de outras disciplinas, quais sejam: a sociologia, a psicologia, a economia, a geografia e também a linguística, revelando-se, assim, a intenção de registrar os feitos humanos em sua totalidade. (BASTOS & PALMA, 2004, p. 15)

Dentre essas ciências colaboradoras, evidencia-se a história, já que costuma encontrar seus objetos de estudo em documentos históricos, geralmente antigos, o que não significa que as transformações não possam ser observadas no presente. Outro fator importante é o conhecimento do contexto histórico, que envolve situação social, questões filosóficas e culturais que se relacionam ao tempo correspondente às alterações, informações que contribuirão para a compreensão de fatores linguísticos.

Buscar o clima de opinião é inserir-se no clima intelectual do período, é compreender o porquê da vigência deste ou daquele paradigma num determinado campo científico. Nesse caso, a Historiografia Linguística deverá considerar as correntes intelectuais do período que possam ter causado impacto sobre o pensamento linguístico. (BASTOS & PALMA, 2004, p. 21)

Apesar dos estudos de história linguística serem passíveis de se estender à oralidade, os textos escritos acabam por ocupar um espaço significativo dentro deste campo. Outra característica da escrita é funcionar como um fator regulador da permanência ou “conservação” da estrutura gramatical da língua, fazendo com que as mudanças sejam mais rápidas e recorrentes na oralidade.

Desse modo, há uma relação da história linguística com a escrita, que se incide desde sua origem:

Estreitamente vinculada à História, que é uma ciência, a Historiografia passou por um processo de adaptação aos paradigmas que nortearam os estudos históricos. Ora, se a História resumia-se à narrativa oral dos acontecimentos, a Historiografia tinha como papel fundamental o registro desses acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los (...). (BASTOS *et al.*, 2004, p. 15)

Nesse sentido, passa a haver uma divisão quanto ao campo de atuação, a História fica voltada apenas aos acontecimentos políticos, enquanto a historiografia, denominada por Bastos e Palma, (2004), “revolução francesa da Historiografia”, devido ao período que marca as transformações sociais e as mudanças nos pontos de vista que motivavam os estudos históricos até a época da *Escola dos Annales*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre (HIROCO, 2012), se encarrega dos estudos diretamente ligados à língua como produto histórico-cultural.

Burguière, explica a essência das transformações científicas contidas na *Escola dos Annales*, e que marca a fase inicial da Historiografia linguística que conhecemos hoje:

[...] uma renovação dos métodos e do próprio objeto da ciência histórica, mediante a atenção dada às estruturas e aos fenômenos coletivos, assim como a abertura para outras ciências sociais, eram desejadas e esperadas nos anos 30 e deviam necessariamente impor-se à comunidade científica [...] a atenção prioritária concedida aos grupos – e não mais aos indivíduos (herança do positivismo) –, às estruturas socioeconômicas e, de modo geral, aos fenômenos de evolução lenta – e não mais aos acontecimentos [...] (BURGUIÈRE, 1993, p. 50-52)

Instituída ciência responsável pelos estudos das transformações ocorridas nas línguas, naturalmente, faz-se necessária a organização de uma metodologia adequada de trabalho. Para compreender tal metodolo-

gia relacionada à história linguística, este trabalho se apoiará nas teorias de Koerner (1996), que sinaliza a década de 80 como época de discussões em torno de metodologia que oferecessem princípios e procedimentos capazes de sistematizar as pesquisas ou estudos dessa ciência. Em meio a diversas dificuldades que envolvem os trabalhos, para o autor, “Há vários problemas metodológicos e epistemológicos que enfrenta o historiógrafo da linguística. Estes incluem questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa [...]” (KOERNER, 1996, p. 58). Nesse sentido, Koerner organiza um sistema que compreende a divisão dos estudos metodológicos da história linguística em três etapas: *Contextualização*; *Imanência* e *Adequação*.

Ao se referir à contextualização, o ator se posiciona da seguinte forma: “O primeiro princípio [...] diz respeito ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral do período em que as teorias se desenvolveram” (KOERNER, 1996, p. 60), ou seja, se a linguagem é o processo pelo qual o indivíduo se insere em sociedade passando a se constituir ser e a realizar a história da qual também faz parte, fatores extralinguísticos como aspectos sociais, políticos, econômicos, geográficos e filosóficos, entre outros, influenciam diretamente a forma como a língua será sistematizada, já que “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período.” (KOERNER, 1996, p. 60). Isso também significa que os documentos históricos usados como fonte de estudo da língua precisam ser analisados dentro de seu contexto histórico, o que influencia diretamente os fatores linguísticos relacionados ele.

Já o princípio da Imanência se volta para a organização linguística de determinada época, ou quadro linguístico: “O quadro geral da teoria sob investigação, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente, e não em referência à doutrina linguística moderna. Este pré-requisito pode ser chamado de princípio da imanência”. (KOERNER, 1996, p. 60), que, por estar voltado ao estudo do sistema da língua de uma época específica, realiza um trabalho de cunho sincrônico.

O princípio da Adequação, por sua vez, procura traçar um paralelo que envolve os domínios dos dois primeiros somado às teorias e ocorrências do presente, numa perspectiva de comparação de fatos e estruturas a fim de gerar um maior entendimento sobre determinadas mudanças ocorridas na língua, podendo ser considerado, assim, um estudo diacrônico. Nesse sentido Koerner explica o funcionamento conjunto dos três princípios:

Somente depois que os dois primeiros princípios foram seguidos (assegurando, desta maneira, que um pronunciamento linguístico tenha sido localizado e compreendido no seu contexto histórico original), pode o historiógrafo aventurar-se a introduzir, ainda que muito cuidadosamente e colocando seu procedimento de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico (...). Talvez pudéssemos chamar este último passo de princípio da adequação. (KOERNER, 1996, p. 60)

Assim, a organização metodológica, ou sistematização adotada/oferecida pela historiografia linguística vem oferecer ao historiógrafo recursos imprescindíveis para a realização de seu trabalho, já que seu objeto de estudo, a língua e suas transformações, não existe dissociado de uma contextualização, seja geográfica, histórica, psicológica ou filosófica, entre outras; também precisa ser entendida enquanto ocorrência demarcada temporalmente, além de requerer, para melhor entendimento, uma comparação com o que se conhece de língua no tempo presente, afinal assim se reconhece transformação: ao se observar em um tempo/espaço o que algo é e o que esse algo passa então a ser em um outro tempo/espaço.

### 3. *As alterações sofridas pelo h*

Segundo Williams (2001), a história da ortografia portuguesa divide-se em três períodos: o período fonético – período do português arcaico; período etimológico- Renascimento até o séc. XX; período reformado – paralela à adoção pelo governo português da *nova ortografia*, 1916.

Durante o período fonético, em que “os escribas tentavam representar foneticamente o som das palavras que escreviam.” (Williams, 2001, p. 33), deparavam-se com a ocorrência de muitos sons que não existiam no latim, precisavam ajustar grafias antigas ou criar novas. Foi uma fase de grandes “equivocos” ortográficos e fonéticos, em que muitas vezes o mesmo som era representado de maneiras diversas, havia letras que ora eram pronunciadas como um fonema, ora como outro.

Já Coutinho atribui as nomenclaturas *fonético* – dos primeiros documentos redigidos em português ao séc. XVI, pseudoetimológico – séc. XVI ao ano de 1904 – e *simplificado* – da publicação da ortografia Nacional de Gonçalves Viana, 1904 aos dias de hoje. (Coutinho, 1984, p. 71,72).

Em meio a diversas ocorrências relevantes para o histórico da lín-

gua portuguesa, uma questão especial interessa a este trabalho: o percurso do uso do *h*. Para tanto, serão usadas aqui algumas anotações de filólogos que estudaram os usos deste sinal gráfico a partir do Latim em confronto com o uso do mesmo no documento histórico *Almanack Corumbaense*. Nesse sentido, é relevante observar algumas notas referentes ao assunto, o que será iniciado por Williams.

- (1) A letra *h* foi usada para marcar o hiato entre duas vogais diferentes ou entre vogais de qualidade diferente: *poher* por *poer* (arcaico) [...].
- (2) A letra *h* foi usada antes de vogais iniciais, talvez, no início para indicar o hiato com a vogal final de palavra precedente; mais tarde, esquecido esse objetivo, veio a ser o *h* considerado parte da grafia regular da palavra: há por a (artigo); *hi* por i ou y (arcaico); *hidade* por idade; *hir* por *ir*; *hordenar* por ordenar; *honde* por *onde* [...].
  - (a) Em *he* (por *é*) o *h* era provavelmente usado para distinguir o verbo da conjunção e. [...].

Pedro A. d'Azevedo assevera (RL, IX, 263) que a primeira ocorrência datada de *lh* é num documento de 1269 e a de *nh* num documento de 1273. (WILLIAMS, 2001, p. 36)

Em observação mais recente, Cunha (1983) também registra algumas ocorrências do uso do *h*. Segundo ele:

O *h* não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas:

- a. no início de certas palavras, que o possuíam de origem: *haver*, *Helena*, *hoje*.
- b. no fim de algumas interjeições: *ah!* *oh!* *uh!*
- c. no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen: *anti-higiénico*, *pré-histórico*, *super-homem*;
- d. nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*: *chave*, *talho*, *banho*. (CUNHA, 1983, p. 75)

Bechara (1961) vem denominar o *h* como letra diacrítica fazendo a seguinte notação:

**Letra diacrítica** – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e construir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: *chá*, *carro*, *passo*, *quero*, *campo*, *onda*. (BECHARA, 1961, p. 73)

Pereira (2010) contribui:

Esta letra não tem valor [não representa fonema] em português, como já não tinha em latim, e foi conservada apenas como inicial, em respeito à etimologia: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *hem?*

No interior do vocábulo só se emprega em dois casos: quando integrante de um dígrafo – *ch, lh, nh*, – e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial, se une ao primeiro por meio de hífen: macho, malho, manha, anti-higiênico, pré-história, super-homem. (PEREIRA 2010, p. 100).

Coutinho, em sua Gramática Histórica, aponta peculiaridades do uso do *h*, que vão da vogal à consoante, durante o *período etimológico*: “Assim o *i* era representado também por *y* e *j*: *y = hi, mjnas = minhas*. Quando semivogal, substituíra-o frequentemente o *h*: *cabha = cabia, dormho = dormio*.” (COUTINHO, 1984, p. 72).

Como consoante, notam-se outras ocorrências:

*h* – ora aparece representado no início das palavras, de conformidade com a origem latina, o que acontece menos vezes: *homees = homens*; ora é omitido: *omilde = humilde, aver = haver*. Por nalogia com os vocábulos latinos, em que ele é etimológico, grafavam-se com *h* inicial outros em que se ele não explica etimologicamente: *hordenar, hobra*. Servia também para indicar vogal aberta ou monossílabo tônico: *he, hi, ir*. No meio das palavras, separava as vogais em hiato: *cahir, sahir*, ou representava a semivogal *i* ou a nasal *î*: *sabhã = sabiam (saibam), camho = camião*. (COUTINHO, 1984, p. 72).

Coutinho deixa claro em sua obra a contrariedade que sente em relação a determinadas formas de escrita adotadas no período denominado por ele como *pseudoetimológico*. Justifica também várias adversidades devido ao retorno ao clássico, por ocasião do Renascimento, o que exigiria dos escribas conhecimentos linguísticos de diversas línguas, fato não correspondente à realidade, influenciando de certa forma, negativamente a escrita. Outro fator incoerente seria o desconhecimento da origem de várias palavras tratadas como gregas.

São inúmeros os disparates gráficos, decorrentes do uso da ortografia etimológica, a que não têm escapado os melhores escritores. Basta citar *sepulchro, chrystal, thesoura, theor, systhema, cathegoria, cathecismo, author, autonomia* [...]. (COUTINHO, 1984, p. 72).

Segundo este último autor, é com objetivo de solucionar as discrepâncias entre os autores e simplificar a escrita da língua portuguesa que Gonçalves Viana publica a *Ortografia Nacional*, embora não tenha atingido êxito total. Serão citadas aqui notações relacionadas ao uso ou desuso do *h*, já que as demais não se relacionam ao tema deste estudo. Nesse sentido, pode-se observar: “1. Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, *th, ph, ch* (= *k*), *rh* [...]”

Almeida faz sobre o *h* a seguinte notação “Outra existe que nenhuma consonância representa, o *h*.” (Almeida, 2009, p 32). Outra situação observada pelo autor diz respeito à diferenciação de pronúncia das

grafias lh:

Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo **lh**. Eliminou-se, porém o **h** que nesse grupo não formasse dígrafo; se antigamente se escrevia *filharmônico* (o **l** é letra final do primeiro elemento e o **h** letra inicial do segundo), hoje, sem perigo de erro de pronúncia, escrevemos tais compostos ou sem **h** ou com os elementos separados por hífen: *filarmônico*, *gentil-homem*. [...] A eliminação do **h** inicial era fato já averiguado no próprio latim: *Annibal* é grafia corrente ao lado de *Hamíbal* [...] (ALMEIDA, 2009, p. 46, 47).

Como é procedimento adotado pela historiografia linguística. apoiar-se sobre um documento histórico, este estudo apoia-se no *Almanack Corumbaense* a fim de analisar exemplos que possam ilustrar as ocorrências defendidas anteriormente pelos teóricos listados.

O *Almanack Corumbaense* data da fase inicial dos anos de 1800 e funciona como uma espécie de histórico da cidade de Corumbá que, abrigando um porto de grande circulação entre o Rio de Janeiro e o então Estado do Mato Grosso, contava com um considerável estágio de desenvolvimento para a época. O documento traz também biografias de alguns políticos, militares, comerciantes em meio a poemas, anúncios, entre outros textos, além de exaltar a história de Corumbá conforme nele se registra no texto *Notas sobre Corumbá*, página XV: “Culpa temos nós em não termos, ha mais tempo, tido a luminosa idéia de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessária e tão útil como este nosso presente *Almanack Corumbaense*.”

A seguir encontram-se listados vocábulos retirados dos textos do almanaque:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Palavras cuja grafia não se alterou: h inicial.	Palavras cuja grafia não se alterou: dígrafo <i>ch</i> .	Palavras cuja grafia não se alterou: dígrafo <i>nh</i> .	Palavras cuja grafia não se alterou: dígrafo <i>lh</i> .	Grafia modificada para o fonema /k/	<i>h</i> como marcador de hiato.	<i>h</i> associado a <i>p</i> para formação do fonema /f/
Historico habil houve hoje historia honrado homem hygiene habitantes hortaliçarias hoteis há (haver) hei hygienica hydrogene hoje hoteleiro habita herpes hegira horisonte havia hebreus humanas harmônico harmonia homicidio humilde- mente himnos honra	Chefe Marechal Chamada Acha Lanchas Charada Chamou "Bicha" Chama Borracha chegado	Linhas Junho Commu- nhão Linha Mesquinhos Reconheceu Gallinha Engenho Conhecidos Visinho Sonhos companhei- ros	Brilhantis- mo Coelho Velho Lhe Melhora- mento Melhor Bilhares Olhos Aparelho Molhados Filhos Escolha colheres	Polytechni- ca Architectura Paschoa Bronchios bronchites bronchio bronchiaes Chorograph- ia Machinas Psychologi- cos Architecton- ica Christianis- mo machinista	Sahio Copahiba Sahir Bahia Prohibem-se Piauhy Parahyba Dahi atrahidos ahi trahiste sahé rehaber	Triunphantes Epigrapha Calligraphia Pharmacias Typographias Pharmaceuti- cos Physionomia Chorographia Geographo Phantasia Pharmacopé- as Antiphelico Telegrapho Telegraphi- cas Phrases phenomenos methaphisica phantasista phosphato escrophula
Palavras cuja grafia foi alterada: perda do h inicial.	<i>h</i> associado a <i>p</i> para formação do fonema /f/	Grafia modificada para o fonema /k/ formando encontro consonantal	Grafia para o fonema /R/	Outras ocorrências	<i>h</i> como marcador de hiato em letras iguais.	
Herva-matte Hombro Hontem	Symphaticos Cathegoria Theatros Atheneu Methodos Therebentina Homoeopathi- cos Theatro Thereza Santa Cathari- na Theoria Theocratica Methaphisica Mythologia theologicos	Sepulchro Chronico Chronologia Christo	Catarrhos catarrhaes	Exhortava Oh!	Comprehen- dendo compreensão	

#### **4. Considerações finais**

A língua como “objeto vivo” segue seu curso sendo transformada por seus falantes através do tempo e do espaço. Suas transformações podem ser relacionadas à ortografia à sintaxe, à semântica, entre outras situações.

A filologia, que também nasce de um processo de transformação, tem a preocupação de estudar a origem e evoluções que ocorrem no processo das línguas humanas. Em especial, foi tratado aqui do caso do H, um estudo complexo que causa polêmica entre os estudiosos do assunto.

Observou-se o processo de uso e pronúncia deste elemento, as ocorrências desde o latim, as situações de desuso e algumas de suas possíveis razões, as que de alguma forma permaneceram ou surgiram em uma ocorrência nova.

Nesse sentido, este artigo não visava à façanha de trazer um assunto novo, mas, em alguma medida, retomar a possibilidade de reflexão sobre um caso tão rico para os limites dos estudos relacionados à língua portuguesa.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática metodológica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009

BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Orgs.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1961.

BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Nacional, 1967.

BURGUIÉRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

COUTINHO, Ismael de L. *Gramática histórica: pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1984.

CUNHA, Celso F. da C. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro:

ro. FAE. 1983.

FARACO, Carlos A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Rio de Janeiro: Parábola, 2006.

GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel. Ideologias nos Quadri-nhos: o capitão América. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, M. L. (Orgs.). *Para o alto e avante*. Curitiba: Appris, 2012.

IWASSA, Hiroco Luiza Fujii; ALMEIDA, Miguel Eugenio. Princípios metodológicos da historiografia linguística: uma abordagem em Koerner (1996). *Revista Ave Palavra*, n. 14, 2012.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, nº 2, p. 45, 1996.

\_\_\_\_\_. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

PEREIRA, José da S. *Gramática histórica da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad.: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.